	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		1 de 25

ETIENNE, R., MULLER, C. e PROST, F.

2000. *Archéologie Historique de la Grèce Antique*. Paris, Ellipses: 49-63.

[tradução: Elaine F. V. Hirata; revisão Labeca]

O fim do mundo micênico constitui uma das rupturas mais importantes na história do mundo mediterrânico, mesmo que tenha sido bem menos brutal do que é frequentemente apresentado: os ritos, a escrita, os modos de vida mudaram de forma irreversível. Alguns raros vestígios arqueológicos permitem, é verdade, detectar linhas não interrompidas entre o *antes* e o *depois* e elas sublinham as numerosas e profundas diferenças que caracterizam esses dois períodos.

Dois problemas históricos maiores caracterizam o período: as causas da destruição dos palácios micênicos e a maneira como se efetua a passagem de um mundo a outro. Para explicar a queda dos palácios, os indícios arqueológicos, pouco numerosos, só autorizam hipóteses. Por outro lado, para escrever a história dessa passagem (*transição* seria uma palavra inapropriada já que esta passagem foi muito longa, quase três séculos, do século XI ao IX)¹ entre o mundo micênico e a Grécia das cidades, a arqueologia tem um papel essencial. Mais ainda do que para a própria Idade do Bronze, o início da Idade do Ferro depende exclusivamente das escavações. Enquanto dispomos, para a Idade do Bronze, dos tabletas inscritos de Cnossos ou Pilos, após a destruição dos palácios quase nenhum documento escrito, anterior ao século VIII, foi conservado. Isto não quer dizer que não tenha existido um modo de escrita, mas deve-se reconhecer que nada de comparável, nem às fontes escritas em Linear B, nem às inscrições ou às epopéias do séc. VIII, está disponível.

Esta ausência de fontes escritas ou literárias está na origem de um mal-entendido histórico, que só vem se dissipando progressivamente há uns vinte anos. Falou-se, para qualificar o período que vai do século XI ao VIII, de “séculos obscuros”, de Idade Média do mundo grego. Esta qualificação pejorativa é o resultado da ausência de testemunho escrito, sobretudo literário, que pudesse esclarecer um pouco o período. Até aproximadamente 1870, os historiadores não distinguiam, antes da época dos poetas líricos do século VII, senão um passado heróico, um pouco nebuloso e mítico, mas que tinha um imenso privilégio: o de

¹ Lembre-se que todas as datas neste texto são a.C., a não ser que venham explicitadas de outra forma. N.T.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		2 de 25									

ter sido celebrado pela poesia de Homero.

As descobertas de Schliemann, que inventa a Idade do Bronze e aí anexa a epopéia homérica, e aquelas de Petrie que estabeleceu pela primeira vez um sincronismo entre a queda dos palácios micênicos e a XIX dinastia egípcia (por volta do ano 1200) têm, por corolário, a criação de um imenso vazio indo aproximadamente do ano 1200 a 750. Este vazio foi negligenciado tanto pelos filólogos, pois não há relatos literários, como pelos arqueólogos ou historiadores, com exceção dos teóricos racistas do período entre-guerras que tentaram identificar neste período as origens da civilização dórica, berço quimérico de uma certa ideia de perfeição. Os “séculos obscuros” são, antes de tudo, obscurecidos pelos pré-julgamentos modernos. Todavia, depois de 1945, assiste-se uma redefinição do problema, mas é ainda a fonte literária que condiciona os debates. O decifrar do Linear B, por M. Ventris (1952) e as reflexões de historiadores ingleses, como M. Finley (*O Mundo de Ulisses*, 1954), mostram que a economia palacial dos tabletas não corresponde em nada ao que Homero descreveu. Os poemas homéricos, compostos no século VIII falariam, portanto, de um período que não teria remontado até o mundo micênico, mas que também não seria o mundo do século VIII e da arte geométrica, e que poderia bem corresponder, precisamente, aos *séculos obscuros*. Por consequência, os séculos XI, X e IX deveriam ficar incrivelmente iluminados pelas luzes da epopeia. As descobertas arqueológicas, depois, vêm modificar esta interpretação: Homero remete a elementos de civilizações cronologicamente diferentes, de lembranças de um mundo micênico desaparecido até a sociedade do século VIII, elementos que ele sincretiza em um universo poético original. Os arqueólogos, devolvendo o essencial dos poemas homéricos à filologia ou à literatura, estabeleceram após algumas dezenas de anos um quadro mais concreto dos “séculos obscuros”, tão digno de interesse quanto o período micênico ou a época geométrica.

Os “séculos obscuros” são cada vez menos obscuros: três séculos de história grega se escrevem sobretudo graças aos trabalhos dos arqueólogos, em base a três sínteses de autores anglo-saxões: A. Snodgrass (1971), V. Desborough (1972) e J. N. Coldstream (1977).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		3 de 25									

O FIM DOS PALÁCIOS

O sistema palacial foi brutalmente destruído: em todos os sítios, a estratigrafia situa os níveis de destruição no século XIII. Durante longo tempo, os arqueólogos acreditaram poder descrever um fenômeno concentrado no tempo, no final do século XIII. De fato, as pesquisas recentes e um conhecimento melhor da cronologia da cerâmica micênica indicam que o esfacelamento do sistema palacial caracteriza todo o século XIII e não há nada de uma catástrofe global. De acordo com a documentação recuperada mais recentemente, o palácio de Pilos é o mais antigo sítio de destruição e, a partir de 1300, é ele que inaugura este período de turbulências. A vaga de destruições atinge Tebas e as oficinas palaciais por volta da metade do século XIII. Por volta da mesma época, em Micenas, foram recuperados traços de um incêndio violento na região do Círculo B: de acordo com os materiais (tabletes, peças de marfim) tratava-se de uma zona de edifícios oficiais como a *casa do Comerciante de Óleo*, a *casa dos Escudos*, a *casa das Esfinges*, a *casa Oeste*. No final do século, os danos mais severos e mais extensos espalham-se por boa parte do palácio e, se o sítio foi reocupado, o foi por um habitat pobre e apertado. Na mesma data, a cidadela de Gla, ponto fortificado na região do Lago Copais (Beócia) foi destruída.

Uma explicação para esta destruição prevaleceu por muito tempo: a de que teria ocorrido uma invasão generalizada e súbita da Grécia. Duas fontes de informação parecem sustentar este ponto de vista: a língua e os mitos. Com efeito, se acreditarmos em alguns autores, Tucídides por exemplo, os gregos de época histórica que falam o dialeto dórico, instalados essencialmente no Peloponeso e depois em certas ilhas Cíclades como Melos ou Tera, em Rodes e nas costas da Cária, teriam vindo da Dórida no Peloponeso com os Heráclidas, os descendentes de Hércules, com o objetivo de retomar o domínio do herói espoliado por Euristeu, rei de Micenas.

A arqueologia seguiu, durante muito tempo, esta tradição, tentando dar-lhe um conteúdo mais científico. Entretanto, à medida que as escavações recuperavam vestígios materiais, os arqueólogos adquiriram mais evidências que nuançam esta abordagem. Os argumentos correntemente invocados foram, assim, perdendo sua pertinência e substituídos por uma perspectiva mais ampla. Por exemplo, certas práticas funerárias que apareceram no final do século XIII e início do XII, como a inumação individual em cistas ou poços, haviam sido interpretadas como práticas importadas, estrangeiras ao mundo micênico quando, na verdade, são parte do ressurgimento de modos de sepultura já conhecidos desde o início da Idade do Bronze Médio (2000-1600).

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		4 de 25

Da mesma forma, todo um conjunto de objetos que surgiu apenas no final do século XIII, poderia levar-nos a crer que se tratava de equipamentos que acompanhavam os recém-chegados: grandes espadas de ponta, pontas de lança em forma de chama, adagas conhecidas pelo nome de *peschiera* ou fíbulas em arco, foram inseridas no debate como intrusões trazidas pelos invasores. Com efeito, nada prova esta interpretação: seria necessário que estes objetos tivessem aparecido subitamente, fossem totalmente desconhecidos antes do momento da invasão e, posteriormente, tivessem se difundido amplamente sobre todos os sítios destruídos. Nada disso ocorre: a ruína dos palácios não é pontual no tempo, prolonga-se por quase um século, e também são raros os sítios onde estes objetos podem ser colocados de maneira precisa em relação estratigráfica com os níveis de destruição.

A cerâmica dita *bárbara* (*barbarian ware*) fornece ainda um outro exemplo de problema levantado pela interpretação do material arqueológico (fig.1). De cor escura, feita à mão e decorada algumas vezes com cordões plásticos, ela marca incontestavelmente uma ruptura com as produções cerâmicas micênicas. Aí, se viu o sinal de uma cultura de invasores vindos dos Balcãs ou da Trácia, presumidamente responsáveis, além de outros, do fim do sistema palacial. Em seguida, estes invasores teriam sido assimilados à cultura micênica do final do século XII, data em que cessa a produção desta cerâmica. Todavia, os arqueólogos duvidam da origem estrangeira desta cerâmica, trata-se de uma hipótese não confirmada até o presente mas, mesmo que ela fosse estrangeira, sua presença na Grécia não implicaria que os seus fabricantes também estivessem presentes. Poderia tratar-se de uma importação ou de uma criação local embora, na verdade, não se compreenda as razões por que estas populações adotaram uma cerâmica de fabricação mais simples – à mão – e de formas menos funcionais. Mesmo rejeitando a hipótese de uma invasão dórica, alguns historiadores acreditam que populações estrangeiras se infiltraram progressivamente na Grécia e modificaram profundamente certos traços da cultura micênica e que esta cerâmica “bárbara” seria um dos efeitos desta infiltração. Entretanto, esta visão nuançada apóia-se sobre tão poucas provas e também não consegue explicar a destruição brutal do sistema palacial em diversos pontos do mundo grego.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca	5 de 25										



Fig.1: Taça pertencente à categoria dita “barbarian ware”, encontrado em Lefkandi. Eubeia (século XII a.C.). Museu da Erétria.

Outra série de dados arqueológicos tem sido invocada para provar a ameaça de invasões: o reforço e talvez, mesmo, a construção de fortificações. Em Micenas e em Tirinto, as fortificações são consolidadas, notadamente, para preservar o acesso às cisternas. Gla foi dotada de uma muralha pouco antes de ser destruída. Além destes trabalhos de fortificação, certos sítios presenciam, no interior de sua muralha, a edificação de construções estreitamente dependentes do palácio: é o caso das oficinas e da casa “com Colunas” em Micenas, ou da série de edifícios da cidadela baixa em Tirinto. A construção ou a consolidação de fortificações testemunham, certamente, o clima de insegurança, mas é difícil precisar contra quais invasores estes dispositivos estavam sendo previstos. A ameaça de uma invasão estrangeira generalizada é, de toda forma, pouco provável: como explicar, com efeito, que sítios como Pilos, Nicória (sul do Peloponeso) e Orcómeno (Beócia) permaneceram sem fortificação?

Tentou-se preservar, a todo custo, a hipótese de uma invasão, acreditando encontrar os invasores nos misteriosos “Povos do Mar”, conhecidos do mundo egípcio, notadamente sob o reinado de Merenptah (1213-1203) e dos primeiros faraós da XX Dinastia. Se estes “Povos” são, com plausibilidade, responsáveis pela queda do Império hitita e pelos saques na costa sírio-palestina, nada confirma que tenham ido à Grécia.

Finalmente, que os dórios tenham ou não se deslocado para o Peloponeso no século XIII, que tenham disseminado um dialeto original ou que este dialeto represente a última metamorfose de uma língua já colocada de lado no mundo micênico, a hipótese de uma invasão não pode explicar a queda dos palácios continentais, na medida em que se trata de uma invasão “sem invasores” (Snodgrass 1971). Os arqueólogos preferem tentar elucidar as razões deste naufrágio violento, mas geograficamente diversificado e cronologicamente espalhado, caso a caso, sítio a sítio. Assim, em Tebas os vestígios atestam um

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca	6 de 25										

grande incêndio. Supor que um tremor de terra tenha sido a origem de parte das destruições também não precisa ser descartado. Mesmo em Tirinto, ainda é um tremor de terra que parece ser a melhor explicação para a última fase de destruições, compreendendo-se aí aquelas da região baixa da cidadela, no final do século XIII. Uma causa idêntica também é apontada para Micenas e Pilos. Essas interpretações conduziram alguns especialistas a estender esta explicação a todos os sítios palaciais: a seus olhos, o mundo micênico teria sido fortemente perturbado por fatores naturais, sobretudo variações climáticas (seca). Nenhum indício, todavia, permite confirmar tal generalização: sismos não poderiam ter afetado o conjunto do mundo grego e arruinado permanentemente o sistema econômico e político de sítios distantes, um do outro, em até várias centenas de quilômetros. Se fenômenos naturais podem estar na origem da ruína de certos palácios, outros devem ter enfrentado conflitos internos opondo, sejam dois estados micênicos entre si, sejam diferentes grupos sociais no interior dessas comunidades. Os dórios poderiam representar, então, uma população instalada no mundo micênico depois de muito tempo em servidão, que teria se revoltado no século XIII. O reforço de infra-estruturas defensivas poderia provir de uma multiplicação de turbulências e de guerras entre comunidades expostas à instabilidade. Esta é a hipótese que os historiadores levantam hoje. Se tal teoria tem o mérito de dar conta dos dados arqueológicos, ela não é todavia demonstrada por nenhum argumento positivo.

Por volta de 1200, quase todos os grandes centros do continente estavam totalmente ou em grande parte arruinados. O século XIII corresponde à destruição de um certo tipo de organização econômica e política, ou de suas manifestações mais evidentes, como o palácio, os tabletes inscritos, os objetos de ouro ou de marfim, os vasos metálicos, as *tholoi*.

Mas um conjunto de práticas culturais e procedimentos técnicos perduram ainda por um século mais ou menos, período que se qualifica como “sub-micênico”.

UMA TÁBULA RASA?

As profundas transformações entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro podem ser estudadas segundo duas grandes perspectivas: uma é filológica a outra é arqueológica. É a primeira que conheceu maior sucesso, segundo o pré-julgamento em favor das fontes textuais do qual já falamos. Evocaremos rapidamente apenas alguns pontos. Se a língua grega, representada em época

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		7 de 25

micênica pela escritura silábica Linear B, é conservada na Grécia até nossos dias, a escrita, ao contrário, desapareceu com os palácios. Foi depois disto que os gregos emprestaram dos fenícios a escrita alfabética e criaram o modo de escrita ainda em uso. A data deste empréstimo é discutida: segundo a opinião comum, o alfabeto grego não seria anterior à primeira metade do VIII. Existe, entretanto, uma inscrição em grego cipriota encontrada em Pafos, datada da segunda metade do IX, o que permite supor que os tempos pretensamente obscuros conheceram, de fato, inscrições talvez sobre materiais perecíveis como a madeira. De toda forma, os testemunhos escritos são muito pouco numerosos entre os séculos XI e IX para trazer alguma luz sobre a história do período. Acreditou-se, por muito tempo, que um estudo comparativo do vocabulário institucional, a partir especialmente dos poemas de Homero, daria resultados: certas palavras, com efeito, são diretamente passadas dos tabletes micênicos aos textos gregos. Mas as conclusões são limitadas, na medida que se constatam diferenças fundamentais no significado de uma palavra de uma época à outra. Assim, *qa-si-re-u*, simples chefe local antes de 1200 torna-se *basileus*, monarca, na época histórica. Do mesmo modo, *té-me-no* designa, nos tabletes, um domínio reservado ao soberano micênico (*wanax*) enquanto *témemo*, já em Homero e, sobretudo, em seguida, remete ao santuário de uma divindade. A permanência de um certo vocabulário esconde as grandes mudanças de uma civilização. No fundo só a arqueologia pode dar conta dessas transformações.

Os arqueólogos distinguem frequentemente dois momentos distintos do processo de desaparecimento do mundo micênico: se, entre 1300 e 1200, assiste-se à destruição do sistema palacial, a cultura micênica que a ele sobrevive apaga-se somente depois de 1200-1100. Um nível relativo de civilização, por vezes de prosperidade, permanece. A comunidade de Micenas, por exemplo, edifica a casa do “vaso dos guerreiros”, o Celeiro e toda uma série de construções no quarteirão sudoeste. O mesmo fenômeno ocorre em Tirinto, Ásine (Argólida), Lefkandi (Eubeia). À queda rápida dos palácios micênicos sucede-se uma desagregação muito lenta da cultura micênica, que alguns preferem interpretar como uma paciente transformação. No século XIII, portanto, assiste-se ao fim de um sistema, mas não ao fim de uma civilização. Também devem ser compreendidos, separadamente, a destruição do sistema palacial e a passagem da Idade do Bronze à Idade do Ferro. É no século XII que as transformações profundas começam a ser perceptíveis. E é aí que se colocam os problemas de interpretação histórica.

Também com relação a este tema, os cortes cronológicos são muito

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
<table border="1"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>					8 de 25						

labeca

ampos para dar conta do fenômeno. O século XIII não vê aparecer os sinais de transformações que tomarão todo o seu sentido no século seguinte, quando a ruptura entre o mundo micênico e o mundo proto-geométrico parece consumada. Com efeito, entre 1300 e 1200, logo após a queda do sistema palacial, constata-se uma diminuição dos sítios ocupados que pode chegar a até 90% em um território como a Beócia ou o sudoeste do Peloponeso. Este fenômeno é menos fortemente marcado na Argólida ou na Lacônia, ainda menos na Ática. Não se sabe se tratou-se de uma diminuição ou de uma reconcentração de populações. É, em todo caso, nesta época que os sítios como Lefkandi na Eubeia, Perati na Ática e Ásine na Argólida conhecem um desenvolvimento pleno. A partir do XII, as transformações parecem se acelerar. A destruição do sistema palacial supõe uma mutação política e econômica que não temos como mensurar, mas que deve, sem dúvida, ter envolvido em profundidade a sociedade da época. A concentração em alguns sítios, as populações em movimento, as mudanças estruturais que implicam tais fenômenos também contribuíram para as evoluções e não é necessário apontar fatores externos tais como migrações ou invasões para explicar a criação de modos de vida novos.

Estas novidades são perceptíveis graças aos diversos dados arqueológicos: às práticas funerárias, ao habitat, em menor medida ao artesanato, enfim, às práticas religiosas.

As práticas funerárias conhecem numerosas perturbações antes de encontrar uma certa homogeneidade. Desde o século XIII, em Salamina e em Lefkandi, por exemplo, vemos se desenvolver sepulturas individuais em cistas ou em poços, assim como alguns casos de cremação de cadáveres, ao lado de sepulturas coletivas e inumações, práticas habituais da época micênica. O fenômeno não teria nada de surpreendente – afinal, essas práticas eram conhecidas desde a Idade do Bronze Médio (2000-1500) – se não tivessem se difundido no século XII para se tornar a regra. Na época proto-geométrica, encontramos, ainda, enterramentos múltiplos em tumbas, em câmaras ou nas *tholoi*, especialmente em Creta, mas o enterramento individual é prática funerária corrente e a incineração, para os adultos ao menos, é sistemática em Atenas (fig. 2) ou em Lefkandi. As crianças são sempre inumadas em tumbas, em cistas ou em jarros.

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		9 de 25

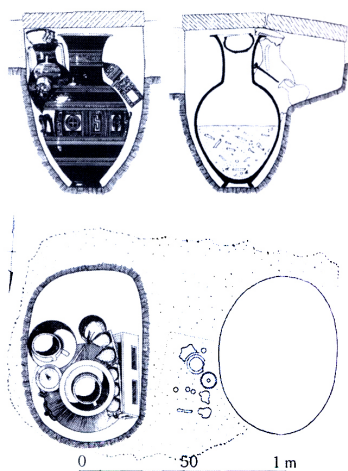


Fig.2: Ágora de Atenas: planta e cortes de uma tumba feminina (cerca de 850 a.C.).

O habitat é difícil de estudar já que, a informação mais frequente provém de necrópoles e estas sugerem mais a extensão de uma aglomeração habitacional e não nos informam sobre os quarteirões de habitação. Só o sítio de Zagora fornece dados concretos sobre a extensão de seu habitat, mas ele data dos séculos VIII-VII, época posterior. De toda forma, discernimos algumas grandes características que atestam o desaparecimento de certos modelos de construção micênicos. Estes habitats, no entanto, não são senão excepcionalmente situados em antigos sítios micênicos: é o caso de Lefkandi na Eubeia e de Grotta em Naxos, por exemplo. Na verdade, parece que por toda parte novos locais de assentamento são escolhidos. Ao mundo extenso, mas unificado, de época micênica, sucedem-se comunidades reagrupadas em sítios dispersos. Por outro lado, constata-se uma ausência quase completa de fortificações, o que contrasta com as muralhas nos sítios micênicos pouco antes da destruição dos palácios. Sublinhamos, aqui também, algumas exceções, como o sítio de Esmirna (fig. 3) dotado de muralhas desde o século IX ou ainda Atenas e Argos, onde a acrópole fortificada de época micênica ainda continuou em uso.

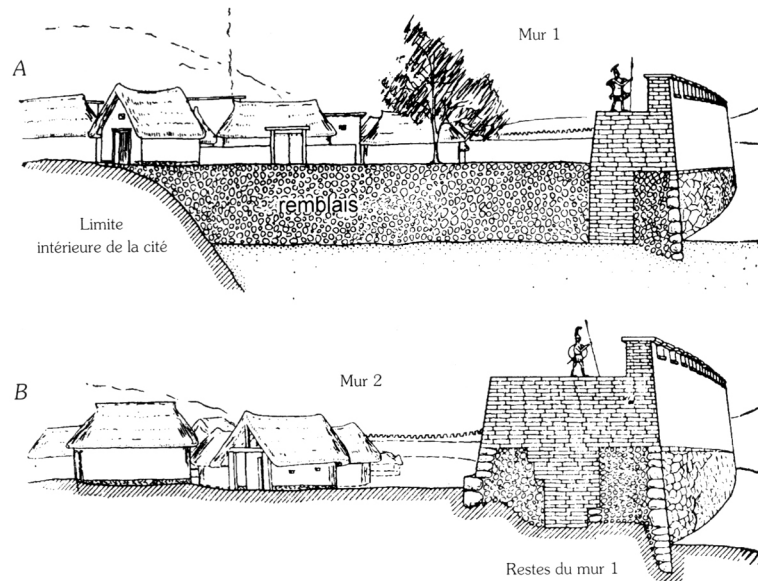


Fig.3: Esmirna antiga: corte na muralha.

A. Cerca de 850 a.C.

b. Cerca de 750 a.C.

Enfim, as técnicas de construção se modificaram: a pedra, material de base antes de 1200, é substituída pelo tijolo cru retangular, e a forma absidal das construções, surgida desde o terceiro milênio e conhecida em época micênica, se impõe e predomina na época proto-geométrica (Ásine, Lefkandi e Esmirna). Além disso, no sítio de Kastanas (Macedônia) um habitat apertado concebido unicamente sobre um plano retangular pôde ser reconstituído: suas diferentes fases de construção se estendem após o século XII até o VIII. Em todo caso, é o plano absidal que encontramos nos modelos em terracota como o do santuário de Hera Akraia em Peracora. Em Lefkandi, no local chamado de Toumba, um edifício de dimensões particularmente vastas (por volta de 50 m x 10 m) e datado do século X, foi compreendido de maneira diferente (fig. 4): tratar-se-ia do domínio de um basileu local, interpretação que não é incompatível com a de um templo, na medida em que os basileus tinham também prerrogativas religiosas.

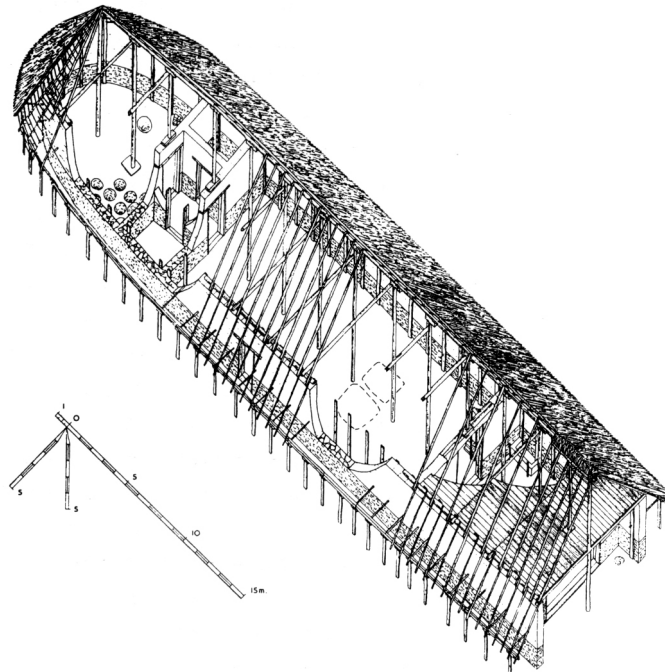


Fig.4: Lefkandi (Eubéia): reconstituição axonométrica do grande edifício (por volta do ano 1000-950 a.C.).

As práticas artesanais testemunham também mudanças quantitativamente mais modestas, mas não menos profundas. Se colocarmos à parte a metalurgia do ferro, sobre a qual voltaremos a tratar, a mudança mais manifesta é a emergência de uma decoração cerâmica original, feita de círculos e semi-círculos concêntricos, desenhadas ao compasso, e de motivos geométricos diversos, traçados com um pincel múltiplo. Este estilo inédito dá sua especificidade – e seu nome – a todo o período, mesmo se buscarmos estabelecer uma certa filiação entre as decorações da cerâmica micênica e da época proto-geométrica: as últimas produções micênicas parecem ter condicionado a criação de formas e motivos dos vasos proto-geométricos de Atenas, ou ainda de Naxos, por exemplo.

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE

Precisamente estas transformações levantam um problema de fundo: houve continuidade ou descontinuidade entre o mundo micênico e os novos padrões culturais? Houve uma ruptura radical, transformação rápida ou evolução progressiva?

A questão necessita ser colocada à medida que ela condiciona nossa

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		12 de 25									

visão do processo histórico que conduz de um sistema, o do palácio micênico, à constelação díspare das cidades gregas. Infelizmente, poucas informações arqueológicas nos chegaram e nenhuma delas é suficientemente clara para autorizar uma visão global do fenômeno. Podemos apenas tentar apresentar, no estado atual da documentação, algumas pistas.

Os arqueólogos têm utilizado, até o presente, dois métodos para observar a natureza das mudanças ocorridas no século XI: a estratigrafia e os estudos de material. A primeira só pode ser usada em alguns sítios e sob certas condições bem particulares, o que obstrui qualquer síntese em virtude da diversidade das situações. Assim, por exemplo, em Kalapodi (Fócida) temos uma sucessão estratigráfica que vai de 1200-1150 ao proto-geométrico, no século XI, quando a cerâmica de tradição micênica diminui maciçamente sem nunca desaparecer completamente e permanece ainda presente na fase proto-geométrica: alguns vasos com círculos concêntricos aparecem enquanto os objetos micênicos continuam a ser utilizados. É necessário esperar os últimos anos do século IX para que todos os elementos distintivos da Idade do Bronze tenham desaparecido. Outros sítios como Midea apresentam, ao contrário, mudanças mais brutais: um terremoto acelerou o processo de transformações e a população sobrevivente parece ter-se refugiado em Tirinto. Outros exemplos ainda, dois sítios de Creta como Mália e Amnissos, distantes 40 km um do outro, apresentam também situações muito diferentes. Enquanto Mália é abandonada desde 1300-1200, o abandono de Amnissos é parcial e se estende no tempo: no século XI constata-se uma diminuição muito sensível da utilização do sítio, que é retomada, no entanto, no século X. Inútil multiplicar os casos: nos séculos XII-XI, profundas transformações acontecem, mas elas são diferentes de acordo com cada sítio.

Os estudos particulares sobre o material arqueológico permitem apresentar um balanço contrastado. Uma forma de continuidade é perceptível em certos objetos manufaturados ou em algumas técnicas simples, mas se observarmos os produtos mais sofisticados, tenderemos a falar de ruptura. Estudos comparando, por exemplo, a ourivesaria micênica e aquela dos primeiros anos da Idade do Ferro estabelecem alguns pontos de contato mas também claras interrupções no desenvolvimento. Certos caldeirões em bronze, encontrados em Chipre, autorizariam a hipótese de uma transmissão de processos de fabricação pelos artesãos da Idade do Bronze, mas a continuidade das formas não é constatada, na Idade do Ferro, senão na cerâmica. Esta constatação compromete fatalmente toda especulação sobre a continuidade de técnicas de produção. Alguns grandes temas iconográficos da arte geométrica parecem encontrar suas raízes em

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		13 de 25

imagens datadas do XIII-XII: certas *lárnakes* (urnas funerárias) provenientes de Tebas, ou ainda uma ânfora de Tirinto, todas datadas do final da época micênica, apresentam uma iconografia grosseiramente comparável à dos grandes vasos geométricos, com carpideiras, corridas de carros, desfiles de guerreiros e mesmo *próthesis* (cena de exposição do morto). Mas seria necessário remontar a antigos antecedentes, de cerca de três séculos, para explicar as representações iconográficas das ânforas geométricas? Se a Idade do Ferro havia herdado, mesmo que muito parcialmente, a iconografia funerária da Idade do Bronze, porque esta herança teria ficado latente entre os séculos XI e IX? A mesma ambiguidade se encontra em relação aos selos cretenses de época micênica descobertos nas tumbas geométricas e orientalizantes: falando de transmissão fortuita ou herança, devemos lhes consignar uma função idêntica à que possuíam no mundo micênico? Creta conheceu, sem dúvida, uma continuidade cultural mais afirmada que os outros sítios do continente, mas pode-se assegurar que os objetos viajaram do XII ao IX, tendo a mesma função, o mesmo significado, o mesmo valor?

Além dos particularismos, além dos acidentes ou do estado lacunar de nossas fontes, uma constatação se impõe: poucos achados podem pretender estabelecer a hipótese de uma continuidade entre a Grécia micênica e a Grécia das cidades. Há indiscutivelmente uma ruptura material, mesmo se as formas residuais do mundo micênico perduraram em um tempo mais ou menos longo.

RELIGIÃO: UM PROBLEMA DE TRANSMISSÃO

As práticas rituais e a natureza das divindades cultuadas a partir da Idade do Ferro levantam também, de maneira ainda mais aguda, o problema da continuidade.

Uma vez mais, a filologia, por longo tempo privilegiada, traz informações muito interessantes, mas dificilmente dá conta de permanências e rupturas fundamentais. A metade dos deuses mencionados nos tabletas micênicos desapareceu na Idade do Ferro, enquanto a outra metade parece ter sido conservada: conhecemos, de um lado como de outro, Zeus, Hera, Poseidon, Ártemis, Atena, Hermes, Ares, Eileitífa, Erínias, Eníalos, Dioniso e Potnia (A Senhora). Essas mudanças acontecem desde o XIII e se difundem nos séculos seguintes. Por outro lado, aparecem divindades novas: é o caso de Apolo, Hefesto, Deméter e Afrodite. A sobrevivência de uma parte do panteão micênico no primeiro milênio não deve ser superestimada: os nomes podem ter sido

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		14 de 25									

conservados na memória sem que se possa assegurar que as divindades, assim designadas, tivessem assumido valores idênticos em uma época e em outra. Os micenólogos hesitam até mesmo em interpretá-los como nomes dos deuses. A tentação é grande aqui de super valorizar os dados linguísticos; de supor a existência de um *continuum* espiritual independentemente das transformações maiores que ocorreram no plano social, econômico e político, a respeito das quais já falamos acima. A religião pode ser concebida separadamente de seu contexto histórico concreto? A partir do momento em que este se metamorfoseia profundamente temos um indício suscetível a provar que os conteúdos religiosos não foram também renovados conjuntamente? Os estudos consagrados à continuidade religiosa entre o mundo micênico e a Grécia de época histórica provém, na maioria das vezes, de pura especulação.

Os testemunhos arqueológicos provenientes dos santuários apresentam menos ambiguidade.

Observa-se, em três grandes sítios em desenvolvimento, Olímpia, Delfos e Delos, um mesmo tipo de oferenda: de um lado são consagradas estatuetas de terracota, depois aparecem as estatuetas em bronze e, enfim, os grandes trípedes de bronze com cuba rebitada. Desde o início do século X, em Olímpia, no IX em Delfos e, parece que também, em Delos, este fenômeno torna-se bem visível. Estes não são os únicos santuários a aparecer neste período: no século IX, pode-se ainda situar, graças à descoberta dos primeiros bronzes votivos ou de alfinetes, o nascimento dos santuários de Aghia Irini em Ceos, de Hera Akraia em Peracora, de Atena Alea em Tegéia, de Atena Afaia em Egina, do *Heraion* de Argos, etc. E mesmo, desde o séc. X, malgrado a raridade de documentos, supomos o desenvolvimento do culto em Samos ou no *Amycleion* de Esparta e, ainda que nenhum indício o prove explicitamente, em Lefkandi na Eubeia.

Mas, entre todos estes cultos, alguns se instalaram em antigos sítios micênicos. Esta constatação arqueológica conduziu à suposição de continuidade de uma era à outra, sem nenhuma interrupção, embora mesmo no século XI nada tenha sido descoberto que possa estabelecer essa hipótese. No *Artemision* de Delos e no santuário de Apolo em Delfos, esses cultos vão se instalar em um habitat de época micênica. Em Olímpia, nenhuma estrutura micênica foi descoberta. Nestes 3 sítios, o fenômeno é idêntico: um culto se instala em um local que, até então, não era um santuário. É, ainda, o caso do *Menelaion* de Esparta, dos santuários geométricos de Micenas, de Tirinto, e muitos outros. Mas para o santuário de Apolo Maléatas em Epidauro, ou ainda para aquele de Aghia Irini em Ceos, por exemplo, os vestígios de época geométrica se encontram

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		15 de 25									

sobre os vestígios de um santuário micênico. Assim se colocam dois problemas essenciais: aquele da especificidade dos santuários proto-geométricos em relação aos lugares de culto micênico e aquele de uma hipotética continuidade de uns aos outros. Se os arqueólogos atualmente não concordam mais senão em raros casos (Aghia Irini em Ceos, ou Hyampolis na Fócida, por exemplo) com a tese de um *continuum* entre o período sub-micênico e o proto-geométrico, não são também menos sensíveis à transmissão possível de uma certa “memória” e, isso, em razão de dois fatores: eles reduzem consideravelmente a lacuna cronológica entre o abandono dos sítios micênicos e a aparição dos primeiros traços de culto nos “séculos obscuros” e estabelecem formas diferentes de permanência cultural em certos sítios. O fenômeno de continuidade ou ruptura não é um fenômeno mecânico, mas pode tomar formas sutilmente combinadas com a história de certos santuários. A re-apropriação do passado operada na época geométrica pode levar a se criar continuidades imaginárias em um santuário, mesmo que nada, no plano arqueológico, possa ser verificado. Em Epidauro, por exemplo, no santuário de Apolo Maleatas, a instalação em época geométrica de um culto sobre um sítio da Idade do Bronze parece corresponder a um ato deliberado, como se a lembrança do caráter sagrado do lugar tivesse sido um fator determinante, mesmo que este sítio tenha conhecido uma interrupção e que a divindade cultuada não tenha sido identificada nos dois períodos. Em suma, apesar da descontinuidade teria havido uma continuidade.

Mais exatamente, teria havido um *retorno*. Porque mesmo nesses casos limite, subsiste sempre uma ruptura de um século ao menos entre os níveis: para manter uma continuidade é necessário supor a transmissão de uma *memória* sem suporte material durante cerca de 100 anos. Certamente, pode ser que o culto tenha se revestido, durante este período, de formas e de uma organização que não exigiam nenhum tipo de estrutura permanente e, portanto, não teria deixado nenhum traço suscetível de ser recuperado pelos arqueólogos (banquetes, festas, etc). Mas isto é raciocinar *ex absentia*. Os cultos proto-geométricos são, por vezes, instalados sobre locais de culto micênicos, seja em razão de uma descoberta fortuita de objetos, seja em razão de um retorno mais ou menos consciente a um local ao qual se agregava uma lembrança particular, mas esses fenômenos interessam à história das mentalidades do século VIII, não ao problema da transmissão de uma herança cultural da Idade do Bronze à Idade do Ferro.

Em definitivo, se não levarmos em conta algumas poucas exceções, devemos admitir que houve uma ruptura. E a forma mais manifesta desta ruptura

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		16 de 25									

é observável na configuração dos santuários de uma época à outra: enquanto que, na época micênica, o santuário é integrado ao tecido urbano, o santuário do primeiro milênio, quer seja ou não isolado por um peribolo, constitui uma entidade autônoma, um témeno, uma porção do território recortado do habitat. Os peribolos micênicos, como o de Elêusis, são frequentemente produtos da imaginação e não resistem à revisão dos vestígios. Esta separação nova de espaços, uma das primeiras que os arqueólogos conseguiram identificar, é acompanhada de uma distinção de objetos e de materiais: os micênicos, em seus palácios e em suas tumbas, usam objetos preciosos enquanto que, em seus santuários, os deuses são representados em pinturas murais ou em terracota. Em época histórica, o processo se inverte: quando o bronze volta ao mercado no século X as estatuetas e as trípodas são exclusivamente consagradas aos deuses. Reservam-se para os santuários os objetos de prestígio que eram atribuídos, dois séculos antes, aos senhores dos palácios. Essas transformações são fundamentais: implicam uma relação diferente frente à divindade, que substitui o princípio de hierarquia humana pelo de transcendência divina e, portanto, uma certa forma de igualdade entre todos os devotos: a partir do primeiro milênio o santuário grego é, sob a condição de se respeitarem as regras religiosas, acessível a todos, independentemente do *status* social.

A IDADE DO FERRO

A ruptura mais radical, no fundo, é a utilização maciça e preponderante do ferro. Conhecida já dos hititas, difundida progressivamente em Chipre e no Egeu a partir do século XII, a metalurgia do ferro atingiu o continente grego no início do século XI. Tradicionalmente, invocam-se duas razões para o sucesso desta técnica. A primeira prevê que o comércio do ferro teria substituído o do cobre e do estanho, desorganizado após a queda dos palácios micênicos: as rotas marítimas com o Chipre, o Oriente Próximo ou a Espanha teriam sido interrompidas ou, ao menos, muito perturbadas entre os séculos XI e X. A segunda incide mais sobre o aspecto econômico da fabricação do ferro, estando aqui entendido que a extração do metal do mineral necessitava a metade da madeira que é utilizada na mistura do estanho ao cobre. A banalização do ferro no mundo Egeu do primeiro milênio parece, assim, se inscrever na rede mais restrita de relações entre comunidades, rede menos favorável ao comércio regular de longa distância, porque fora submetida às mudanças sociais, por vezes violentas, consecutivas à queda da economia palacial micênica.

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		17 de 25

O ferro não deve ser considerado, entretanto, unicamente como um material de substituição para uma época de crise. É verdade que os primeiros tempos da metalurgia do ferro deixaram vestígios de qualidade muito relativa: certas regiões do Egeu, ricas em fontes de minério de ferro, adaptaram técnicas rudimentares para a extração e o trabalho deste metal. Mas o ferro apresenta seu valor intrínseco em muitos outros domínios técnicos: assim, por exemplo, os utensílios em ferro destinados à incisão ou usados para bater são de uma eficácia muito superior aos seus homólogos em bronze. É principalmente no armamento que o ferro encontra seu uso mais inovador. As espadas em ferro representam uma das principais inovações do período e tornam-se terríveis armas ofensivas feitas para ferir tanto pela ponta quanto pelo corte. Esta difusão dos objetos de ferro não compete, no fundo, com a difusão dos objetos de bronze: quando, por volta dos séculos X e IX, os contatos com o Oriente Médio são retomados e se vê o aparecimento, por exemplo, das grandes trípodas em bronze com cuba rebitada, a metalurgia do ferro domina certos setores de atividade, notadamente o das armas, ou o dos espetos (*obeloi, obelískoi*), que podem ser considerados como o sinal exterior de uma posição social prestigiosa, talvez mesmo como um meio pré-monetário de trocas.


A espada em ferro se faz acompanhar de toda uma transformação da panóplia militar. Tais transformações são difíceis de descrever de maneira exata porque elas dependem frequentemente de fontes iconográficas de época geométrica que exigem cautela: as representações figuradas, notadamente sobre os vasos funerários correspondem a uma realidade histórica? É espantoso, portanto, que a arqueologia não tenha jamais recuperado os vestígios materiais que correspondem a tais imagens. Ou, então, estas imagens são puras estilizações, talvez alimentadas pela vaga lembrança de um armamento passado? É assim que o *escudo em oito*, chamado *escudo beócio*, ou do *dípylon*, conhecido já dos micênicos, aparece ainda em grandes vasos geométricos: as escavações não trouxeram à luz um único exemplar, seja porque os pintores do século VIII transpuseram graficamente simples evocações homéricas, seja porque o material de tais escudos era de tipo perecível. O que quer que seja, os *séculos obscuros* parecem corresponder à época em que a panóplia militar se remodela. Dotado de uma espada de ferro de tamanho variável, de forma mais robusta e mais larga, munido de lanças em ferro, assim aparecia o guerreiro de Lefkandi-Toumba (Eubeia) na sepultura *principesca* descoberta no centro da grande construção absidal da primeira metade do século X (fig. 4). Podemos acrescentar ainda, com certeza, o arco e o elmo com grande cimeira, que relega

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		18 de 25									

a lembranças longínquas o elmo com dentes de javali, sempre mencionado na *Iliada*. Os funerais descritos na epopeia homérica encontram, em todo caso, na tumba do guerreiro de Lefkandi, o seu mais manifesto paralelo arqueológico.

O *príncipe* de Toumba foi também enterrado com quatro cavalos. Mas convém associá-los à panóplia guerreira em um mesmo conjunto? Os combates terrestres que fazem supor as armas de ferro, produzidas em maior quantidade, não se coadunam mais com uma tática equestre (cavalos montados ou carros) salvo na prática da perseguição sem descanso ao inimigo. De toda forma, decisivos ou não, estes cavalos representam, sem nenhuma dúvida, um sinal de prestígio social e de autoridade. Pode-se, a partir deste achado isolado que é o túmulo de Toumba, chegar a conclusões sobre a organização social que prevaleceu durante a *Dark Age*? Pode-se supor a existência de uma sociedade dirigida por uma oligarquia guerreira, proprietária de terras, praticando a criação de cavalos, assentando sua autoridade sobre uma comunidade dependente. Mais ainda que guerras, pode-se imaginar uma prática difundida da rapina (pilhagem) e da pirataria. É, sem dúvida, importante dizer: a arqueologia ainda não encontrou documentos precisos sobre as formas sociais naquele tempo de profundas mudanças. Simplesmente, não autoriza aplicar o mundo da poesia homérica sobre essas sociedades de um novo tipo, sem aprofundar a análise.

Da mesma forma, como interpretar em um sentido histórico a visão tão pessimista veiculada pela literatura, Hesíodo em particular, a propósito da chegada da Idade do Ferro? É o ferro que é tido como o responsável, nas concepções teleológicas da história entre os antigos, da deterioração das condições de vida: ele sucede, um degrau mais abaixo, ao bronze, este mesmo já afastado de uma idade de ouro terminada. Esta visão poética encontra ramificações tanto nos historiadores antigos [Tucídides I.6.2] como nos contemporâneos que têm uma tendência a depreciar o período. Se as mutações dos séculos XI e X arruinaram incontestavelmente a cultura micênica e suas vastas redes tradicionais, não é certo que a expansão dos objetos em ferro seja o sinal de uma sociedade mais guerreira, deslocada por um número maior de conflitos: houve uma mutação e não, forçosamente, uma restrição dramática das trocas; houve reagrupamentos e não, necessariamente, uma diminuição drástica da população. Do século XI, aparentemente muito perturbado, quando os quadros antigos desaparecem definitivamente e quando os quadros novos se recompõem com dificuldade, emerge uma área de inovações da qual ainda não temos uma dimensão exata. Os *séculos obscuros* podem ser menos obscuros se nos desligarmos dos pré-julgamentos literários.

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		19 de 25

A KOINÉ DOS PRIMEIROS TEMPOS GEOMÉTRICOS

Se o ferro contribuiu para as mudanças militares e sociais é, por outro lado, temerário querer determinar, a partir das novas decorações geométricas que ornaram os vasos ou as figuras do período, a exata natureza das mudanças culturais. Novas concepções, um novo espírito vem à luz mas pode-se verdadeiramente precisar seu conteúdo?

A cerâmica proto-geométrica não nasce *ex abrupto*: alguns artesãos insistem em fazer linhas verticais, círculos e semi-círculos concêntricos rigorosamente dispostos nas ânforas ou enócoas (fig. 5), sucessores naturais de uma racionalização de espaço iniciada em época micênica.



Fig.5: Ânfora ática protogeométrica (fim do século X a.C).

Entretanto, sem nos arriscarmos na tentativa de interpretar o espírito novo que implica tais desenhos, é importante salientar a clara divisão em registros (zonas separadas nos vasos), seu aspecto repetitivo, sua orientação horizontal estrita, sua rigidez, além de características que rompem com a liberdade do traço e a decoração à mão livre tão típicas dos vasos do século XII, como o “vaso dos guerreiros”, hoje no Museu Nacional de Atenas (1200-1150). Mais do que o ornamento, é o fundo negro que representa melhor a cerâmica proto-geométrica. O fundo claro é progressivamente substituído por uma superfície negra uniforme, que restringe a zona decorativa ao topo dos ombros do vaso ou ao centro da pança: algumas ondulações cursivas, depois filetes estritamente retilíneos rompem, às vezes, a bela unidade do fundo negro. No século IX, os motivos são mais numerosos e são dispostos em composições mais ambiciosas: em cada vaso,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca	20 de 25										

há vários painéis enquadrados por séries de faixas de um repertório ornamental mais rico (zigzagues, meandros hachurados, tabuleiros de damas) e estes diversos motivos geométricos criam não só contraste, mas jogam também com a luminosidade, uma vez que ocupam, com densidades variáveis, as diferentes áreas do vaso (ombros, pança, alças, colo). Os vasos cretenses são os únicos a apresentar algumas figuras humanas, esguias silhuetas em caça ou combatendo bestas ferozes (fig. 6).



Fig.6: Reconstituição da decoração de um vaso encontrado em contexto funerário próximo a Cnossos (séc. IX a.C.). Museu do Heracléion.

Somos autorizados a deduzir, a partir destas características artísticas, uma psicologia nova sobre os homens que as produziram? Sem dúvida; mas como defini-la? Esgotaríamos o tema evocando um gosto inédito da ordem, como se fosse um domínio intelectual da forma até então desconhecido, que conduziria diretamente ao *milagre grego* da época clássica? É verdade que são raros os achados arqueológicos que poderiam ajudar a precisar a história das mentalidades durante os *séculos obscuros*. De toda forma um ponto é claro: a cerâmica proto-geométrica foi desenvolvida especialmente pelas oficinas da Ática e adaptada, com algumas variantes locais, pelos outros centros de produção do mundo grego, contribuindo para dar uma certa noção de unidade cultural. Sem atingir, sem dúvida, a homogeneidade nem as dimensões do mundo micênico, o mundo grego dos séculos X e IX é o de uma *koiné*.

Além da cerâmica, computam-se alguns documentos excepcionais, que ressaltam cruelmente toda a carência documental a que é confrontado o historiador do período. Mencionaremos, por exemplo, uma cabeça em terracota (Oxford AE 1102) de *Piskocéfalo* (Creta), da qual sobreviveram apenas os grandes olhos, o grande nariz pontudo, as sobrancelhas e as orelhas: ela deveria se inserir em um corpo de madeira ou de pedra, e a figura atingiria assim a metade do tamanho humano. Sua data é tradicionalmente situada por volta do ano 900. As escolhas formais têm uma relação longínqua com as estilizações das máscaras em ouro de Micenas e, portanto, este rosto pertence a um outro contexto em que uma

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca	21 de 25										


racionalidade maior está presente. Um cervo em terracota (Atenas, Museu do Cerâmico, 641) proveniente de uma tumba ateniense do Cerâmico e datada – pelo contexto de achado – do último quartel do século X, testemunha a adoção do esquematismo abstrato que regia cada vez mais a arte proto-geométrica (fig. 7): as patas do animal são reduzidas a hastes, seu corpo a um cilindro, suas galhadas a duas fitas dentilhadas; o conjunto recoberto por tapetes reticulados, em ziguezagues ou em tabuleiros de damas, compondo uma rica ornamentação.



Fig.7: Cervo ático em terracota protogeométrico (segunda metade do século X a.C.). Museu do Cerâmico.

Esta maneira de integrar o animal no registro decorativo de uma arte geométrica se encontra ainda em algumas figuras humanas de Olímpia, dedicadas a partir do século X e representando, talvez, Zeus ou Hércules, que estão cobertas por motivos copiados da pintura em vasos, sem dúvida porque foram fabricadas nas mesmas oficinas cerâmicas.

Podemos, enfim, concordar em situar o aparecimento da iconografia grega de cenas mitológicas no final do século VIII, por conta do achado, nas escavações da necrópole de Lefkandi (Eubeia), de um centauro em terracota, de 36 cm de altura, datado de 900 (fig. 8). Este tem o corpo recoberto de motivos geométricos; as pernas anteriores com duas articulações a meia altura; o braço direito, desaparecido, era destacado do torso. Sobre a perna anterior direita, distingue-se uma ferida sanguinolenta, o que autorizaria a se pensar no centauro Quíron, ferido na perna por uma flecha de Hércules. Este tipo de documento, com certeza muito raramente exumado até o presente, nos obriga a ser muito prudentes em nossa interpretação da documentação, pois este tipo de figura não

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		22 de 25

reaparece senão no século VIII. Portanto, parece que os artesãos não estavam aprisionados à representação exclusiva de semicírculos e à superfície negra. O início da Idade do Ferro não foi, necessariamente, desprovido de toda cultura. A *Dark Age* é obscura não por definição mas por falta de fontes.

O centauro de Lefkandi, em todo caso, nos ensina que, desde pelo menos o século X, a Grécia virou a página da civilização micênica e que uma nova Grécia se constituiu em torno de uma cultura viva, com as origens mal definidas no tempo, mas com um futuro promissor.



Fig.8: Centauro encontrado em Lefkandi, Eubeia (por volta de 900 a.C.). Altura: 36 cm.

Bibliografia Geral

BAURAIN, C.

1997. *Les grecs et la Méditerranée orientale, des siècles obscurs à la fin de l'époque archaïque*. Paris, Presses Universitaires de France - PUF.

BOUZEK, J.

1997. *Greece, Anatolia and Europe: Cultural Inter-relations during the Early Iron Age. Studies in Mediterranean Archaeology 122*, Jonsered.

COLDSTREAM, J. N.

1977. *Geometric Greece*. Londres: Routledge.

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		23 de 25

DESBOROUGH, V.

1972. *The Greek Dark Ages*. New York: St. Martin's Press.

MAZARAKIS, A.

1997. *From Ruler's Dwellings to Temples. Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)*. Jonsered: P. Astroms Forlag.

MORRIS, I.

1997. Periodization and the Heroes: Inventing a Dark Age In: M. Golden e P. Toohey (eds.) *Inventing Ancient Culture*. London and New York: Routledge: 96-131.

MUSTI, D. *et alii*

1991. *La transizione dal Miceneo all'alto arcaismo. Dal palazzo alla città*. . Roma: Atti del convegno Internazionale. 14-19 marzo, 1988 (Rome).

SNODGRASS A.

1971. *The Dark Age of Greece*. Edinburgh, Scotland: Edinburgh University Press.

Sobre o fim dos palácios micênicos:

DREWS, R.

1993. *The End of Bronze Age. Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1220 BC*. Princeton: Princeton University Press.

HOOKER, J. T.

1979. New Reflexions on the Dorian Invasion In: *Klio*, 61: 353-360.


POPHAM, M.

1991. Pylos: Reflexions on the Date of its Destruction and its Iron Age Reoccupation. In: *Oxford Journal of Archaeology*, 10: 315-324.

SCHNAPP-GOUBELLION, A.

1986. L'invasion dorienne a-t-elle eu lieu?. In: Mossé, C (ed.): *La Grèce Ancienne*. Paris: Éditions Du Seuil : 43-55.

VANSCHOONWINKEL, J.

	Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca		24 de 25

1991. *L'Egée et La Méditerranée orientale à la fin du II^e millénaire. Témoignages archéologiques et sources écrites*. Archaeologia transatlântica IX. Providence and Louvain- La neuve College Erasmo.

Sobre Homero e a Idade Obscura:

DICKINSON, O. T. P. K.

1986. Homer the Poet of the Dark Age. In: *Greece and Rome*, 33: 20-37.

MORRIS, I.

1986. The use and abuse of Homer. In: *Classical Antiquity*, 5: 81-138.

Sobre o problema da continuidade/descontinuidade:

DARCQUE, P.

1981. Les vestiges mycéniens découverts sous le Téléstérion d'Éleusis. In: *BCH*, 105: 593-605.

LE ROY, C.

1984. Mémoire et tradition; réflexions sur la continuité. In: *Aux origines de l'hellénisme. La Crète et la Grèce: hommages à H. van Effenterre*. Paris: La Sorbonne: 163-172.

MAZARAKIS AINIAN, A.

1985. Contribution à l'étude de l'architecture religieuse grecque dans les âges obscurs In: *L'Antiquité Classique*, 54: 5-48.

ROLLEY, C.

1983. Les Grands Sanctuaires Panhelléniques. In: R. Hagg (ed.) *The Greek Renaissance of the 8th cent. B.C.* Stockholm: Astroms: 109-114.

Sobre o sítio de Lefkandi:

POPHAM, M. R. ; SACKETT, L. H. e THEMELIS, P. G.

1979-80. *Lefkandi I: The Iron Age. The settlement and Cemeteries*. London: British School at Athens Supplementary Volume.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Do Fim dos Palácios à Primeira Idade do Ferro - (séc. XIII-IX a.C.)	Jan / 2010
labeca	25 de 25										

SACKETT, M. R. ; CALLIGAS, P. G. e SACKETT, L. H. (eds.)

1993 *Lefkandi II, The Protogeometric Building at Toumba, 2, The Excavation, Architecture and Finds*. London: British School at Athens Supplementary Volume.

POPHAM, M. R. ; TOULOUPA, E. e SACKETT, L. H.

1982. The Hero of Lefkandi. In: *Antiquity*, 56: 167-174.